



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-15-4
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
CAPÍTULO 2	8
VIESES NEUROCIENTÍFICOS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
CAPÍTULO 3	17
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i> <i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
CAPÍTULO 4	28
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
CAPÍTULO 5	40
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
CAPÍTULO 6	52
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
CAPÍTULO 7	62
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
CAPÍTULO 8	76
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i> <i>Taciana Pontual Falcão</i>	
CAPÍTULO 9	93
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i> <i>Osimara da Silva Barros</i> <i>Najara Santos de Oliveira</i> <i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

Valnice Sousa Paiva
Jucineide Lessa de Carvalho

CAPÍTULO 10	103
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
CAPÍTULO 11	119
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva</i> <i>Leila Adriana Baptaglin</i>	
CAPÍTULO 12	131
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa</i> <i>Márcio Lima de Aguiar</i>	
CAPÍTULO 13	141
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i> <i>Ursula Rosa da Silva</i>	
CAPÍTULO 14	149
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
CAPÍTULO 15	158
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
CAPÍTULO 16	171
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale</i> <i>Eric Vagner de Souza</i>	
CAPÍTULO 17	183
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego</i> <i>Adriana Costa Rego</i>	

CAPÍTULO 18	194
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
CAPÍTULO 19	204
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
CAPÍTULO 20	223
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
CAPÍTULO 21	241
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
CAPÍTULO 22	257
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
CAPÍTULO 23	267
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
CAPÍTULO 24	278
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
CAPÍTULO 25	288
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

CAPÍTULO 26 299

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL: CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ
EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN

Jailson Valentim dos Santos

CAPÍTULO 27 314

A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS
ARTES VISUAIS

Adriano Moraes de Freitas Neto

Gilberto Andrade Machado

SOBRE A ORGANIZADORA..... 324

PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Curso de Música – UFRR

Boa Vista – RR

Leila Adriana Baptaglin

Curso de Artes Visuais – UFRR

Boa Vista – RR

RESUMO: Após uma breve análise ao ensino musical presente na rede da educação básica, bem como a atual conjectura no ensino superior em Boa Vista – RR, apresentamos algumas experiências e resultados da prática docente na Oficina de Bandas Rítmicas. A atividade mesclou a sonoridade de instrumentos convencionais com outros produzidos pelos discentes, com um custo viável para a aplicação do ensino musical às crianças, jovens e adolescentes. Ampliamos tais experiências às disciplinas Produção de Material Didático em Educação I e II, que culminou com a criação do Projeto Sons de Makunaima, que abarcou desde a confecção de instrumentos com materiais alternativos, a partir do que é considerado sucata ou lixo. Após a lei 11.769/2008 que instituiu o ensino de música às escolas da rede da educação básica, apontamos à proposta da utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional, cujo objetivo foi oportunizar a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e, que não tenham prática com a linguagem musical

tradicional. A propositura foi realizada por meio da interdisciplinaridade com o Curso das Artes Visuais e, a disciplina Canto, ofertada pelo Curso de Música da UFRR. Concluímos como resultado desse trabalho, o êxito da utilização dessa experiência, como rota alternativa de aprendizagem, sendo uma alternativa ao ensino musical coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical. Materiais alternativos. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT: After a brief analysis of the musical education present in the basic education system of Brazilian school, as well as the current conjecture in higher education in Boa Vista - RR, we present some experiences and results of the teaching practice in the Workshop of Rhythmic Bands. The activity has merged the sonority of conventional instruments with others produced by the students, with a viable cost for the application of music teaching to children, youth and adolescents. We broadened these experiences to the discipline of Production of Didactic Material in Education I and II, which has culminated with the creation of the Sounds of Makunaima Project, which had included the production of musical instruments with alternative materials, from what is considered scrap or garbage. After the law 11.769/2008 that has instituted the teaching of music to the schools of the basic education system,

we indicate the proposal of the use of technological devices as educational tools, whose objective was to opportunize the inclusion of students without previous musical knowledge who do not have practice with the traditional musical language. The proposal was made through the interdisciplinarity between the Course of the Visual Arts and the Choral discipline, offered by the Music Course of UFRR. We conclude as a result of this work, the successful use of this experience as an alternative route of learning, being an alternative to the collective music teaching.

KEYWORDS: Musical education. Alternative materials. Interdisciplinarity.

1 | INTRODUÇÃO

Amparados na prerrogativa da lei 11.769/2008, que determinou a presença do ensino de música nas escolas da educação básica, surgiu uma demanda à formação de educadores musicais para atuar na rede de ensino e, qualificar aqueles que já trabalham com o ensino de música em Roraima. Nesse sentido surgiu o Curso de Música na UFRR, que contemplou um anseio da sociedade roraimense. Considera-se como uma das missões do Curso de Música, a seguinte premissa proposta no Projeto Pedagógico do Curso (PPC):

É nesse contexto que o curso de graduação em Música-Licenciatura da UFRR vem desempenhar a função de propiciar um espaço educativo no ensino superior para desenvolver competências na área da música, visando uma formação integral do futuro músico profissional e educador musical favorecendo o ensino, a pesquisa e a extensão, como disposto nesta proposta pedagógica. Além disso, é função da Universidade promover a formação de profissionais da área, uma vez que o ensino de música tornou-se obrigatório a partir da promulgação da Lei nº 11.769/08 (PPC, 2015, p. 7).

Nesse sentido, questionamos se o perfil do egresso do curso em licenciatura em música contemplará as necessidades explicitadas na lei elencada acima? O curso deverá focar o performer, o intérprete, o educador musical? Ou cada um desses perfis? O que pensam os estudiosos que depararam com tal situação?

Difícilmente encontra-se uma escola que dedique parte do tempo curricular ao ensino da música voltado à prática instrumental. Quem absorve essa demanda em nosso País são as escolas voltadas para esse fim e ainda os remanescentes conservatórios. A formação do profissional que atua nesse segmento é bastante variada: a) egressos de cursos de licenciatura em música, com base musicopedagógica; b) oriundos de cursos de bacharelado em música, com treinamento a performance; c) músicos sem educação formal com carreiras bem-sucedidas ou não (KEBACH, 2013, p. 5).

Para melhor compreensão da missão de um curso de música no âmbito universitário e, a realidade a ser encontrada pelos novos professores oriundos das academias, Souza (2012) organizou no livro *Música na Escola, algumas ações para implementação da lei 11.769/08 na Rede de Ensino de Gramado – RS*. Tais experiências foram positivas nas escolas gaúchas, e outrossim, são apresentadas

em outro livro da mesma autora, *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano* (2012), que apontou outras abordagens musicais, em contraponto ao ensino conservatorial.

Não existe somente uma maneira do fazer musical, há outras formas de ensinar música, pois a lei 11.769/2008 direcionou à universalização do ensino e desenvolvimento musical, respeitando a diversidade, o talento, a capacidade analítica, dentre outros fatores presente nas manifestações artísticas. Todavia alguns sujeitos pensam que o ensino musical deverá focar somente para aqueles que trazem qualidades artísticas inatas, criando assim nas escolas novos “Beethovens ou Chiquinhas Gonzagas”, dentre outros célebres gênios musicais que poderíamos elencar.

O pesquisador Laraia (2011) adverte em *Cultura: um conceito antropológico* que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo cumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. [...] Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. [...] Se tivesse nascido no Congo ao invés de uma Saxônia, não poderia Bach ter composto nem mesmo um fragmento de coral ou sonata, se bem que possamos confiar igualmente em que ele teria eclipsado os seus compatriotas em alguma espécie de música (LARAIA, 2001, p. 44-45).

Desse modo, conforme o autor, devemos trazer mais educação e cultura à nossa juventude, que é a sociedade que se forma nas escolas e que infelizmente, está perdendo esse processo cumulativo de valores e conhecimentos, dentre outras definições. O educador deverá inseri-los no processo, não devendo afastá-los ou discriminá-los, pois:

Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária (LARAIA, 2001, p. 45).

Nesse sentido, Jusamara *et. al.* (2012, p. 39) apontou no capítulo *Música, Juventude e Mídia: O que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem*, como o educador poderá aproveitar a tecnologia e os aparatos tecnológicos na sala de aula. A música midiática poderá aguçar o interesse na pluralidade de estilos musicais e, conseqüentemente, despertar o interesse para outras manifestações musicais, como a música de concerto, programática, histórica e popular. “Tal crítica da mídia não se constrói a partir de um olhar tudo isso é porcaria, vamos ouvir e tocar uma música boa” (SOUZA, 2012, p. 275).

Esse rótulo, estereótipo e dicotomia de música boa e ruim, verdadeira e falsa, dentre outros preconceitos disseminados por alguns sujeitos, não deve ser disseminado em nenhum sentido. É urgente tal desconstrução desse pensamento retrógrado, pois:

[os docentes] precisam ser capazes de construir e implementar propostas pedagógicas e metodológicas adequadas para esse contexto educacional, aprofundando, cada vez mais, o compromisso da educação musical com a educação básica (PENNA, 2007, p. 6).

É importante ressaltar que, a educação básica “não é um espaço de especialização

ou profissionalização em nenhuma das áreas de conhecimento” (DEL-BEN, 2009, p. 130), inclusive, em relação ao ensino de música. Porém, faz-se necessário formar professores que sejam educadores musicais, cuja atuação pedagógico-musical seja efetiva e útil no espaço escolar, valendo-se de “concepções atuais de educação, de educação musical, de música, de escola e de currículo (...) para proporcionarem aos seus alunos experiências musicais de maneira completa e significativa” (CERESER, 2004, p. 29).

Nesse sentido, apresentamos a seguir, as atividades da confecção de instrumentos musicais por meio de materiais alternativos, elaboradas na disciplina Produção de Material Didático em Educação e apresentadas na Oficina de Bandas Rítmicas, durante a II Semana Acadêmica do Curso de Música da UFRR, e que culminou com o projeto “Sons de Makunaima”.

2 | OFICINA DE BANDAS RÍTMICAS

Conforme informado e disponibilizado no *site* do curso sobre a programação da II Semana Acadêmica de Música (II SACM) em 2015, a oficina foi ofertada sem nenhum pré-requisito para contemplar todos os interessados, desde músicos iniciantes até os professores de música ou de outras linguagens. Partimos do princípio elencado no *site* da II Acadêmica de Música:

A Oficina abará atividades de orientação para professores/instrutores de música, iniciantes, práticos e/ou acadêmicos em música, que tenham conhecimentos elementares da leitura musical e de algum instrumento musical. Serão trabalhadas atividades para formação de grupos rítmicos nas escolas da Rede da Educação Básica, ou ainda em instituições que promovam projetos sociais, prezando pela inclusão sócio educacional por meio da música e cidadania (II SACM, 2015, s/p).

Observamos *in loco* a preocupação dos participantes em adquirir instrumentos musicais ou em dirimir essa urgência, conforme relatos, as escolas do ensino fundamental ou da rede da educação básica não possuem instrumentos musicais para todos, ou quando possuem, encontram-se sucateados, desmotivando os interessados e quase impossibilitando o trabalho docente nas salas de aula.

Para o desenvolvimento da Oficina, utilizamos instrumentos de percussão cedidos pela Escola de Música de Roraima (EMURR), além daqueles que possuímos na Universidade. Realizamos uma parceria com a Banda da Base Aérea de Boa Vista (BABV), para exemplificar melhor a proposta conceitual de banda rítmica, banda marcial, banda musical, *big band* e fanfarra, dentre outras formações. Para ensinar os rudimentos elementares e técnicas práticas para leigos, convidamos um professor percussionista que leciona em uma escola particular em Boa Vista e, outro professor de percussão da EMURR, fato que agregou e aproximou os professores atuantes no cenário boa-vistense, e culminou com essa proposta interdisciplinar.

No primeiro momento, encontramos uma resistência das pessoas que se diziam

inatas para a aprendizagem musical, pois pensavam que não iriam estudar a leitura musical, ou seja, a terrível “partidura” que é um trocadilho da dureza em aprender a leitura da partitura, corroborando com:

[...] o desinteresse e um mal-estar dos discentes, por já terem passado por situações de aprendizagem musical, e as formas de contato com a partitura. [...] vejo nos colegas que já tiveram música e hoje têm grande preconceito com relação a algumas aprendizagens, como a partitura, por exemplo. Se eu tivesse participado de outra metodologia de aprendizagem de música talvez os tivesse com o mesmo sentimento (KEBACH, 2008, p. 255).

Durante o aporte teórico, rompemos velhos paradigmas ao apresentar aparatos tecnológicos, desde aqueles que funcionam nos celulares, como os *softwares* musicais GNU Solfege, o *Musescore* e *sites* com jogos musicais, alguns sem a necessidade da instalação na máquina, pois:

(...) é urgente e necessário o trabalho com os *softwares*, (...), pois o aluno muitas vezes não possui um bom solfejo e treina as músicas não obedecendo a duração correta das figuras, criando vícios e minimizando o impacto do aprendizado musical (SILVA; RODRIGUES, 2011, p. 20).

Silva e Rodrigues (2011) afirmam acerca das diversas possibilidades em utilizar a tecnologia como mediadora dos estudos musicais, independente do grau de conhecimento e instrução musical, pois os aparatos oferecem habilidades à compreensão perceptiva da notação musical. O francês Maurice Martenot desenvolveu os jogos *Martenot*, que contribuíram na forma do ensino musical, e seguindo o mesmo princípio, não é de hoje que educadores da primeira e segunda geração dos métodos ativos utilizaram jogos para aguçar o processo ensino-aprendizagem.

Resolvido o temor da leitura rítmica, apresentamos as propostas de formações de bandas, que demonstrou a real possibilidade em desenvolver atividades abarcando outras concepções de sonoridades por meio dos materiais alternativos ou sons alternativos.

Entende-se por “sons alternativos” todo e qualquer som produzido ou propagado por objetos do cotidiano, pelo corpo e pela natureza, que ampliam as possibilidades de expressão musical para além dos sons de instrumentos musicais já existentes (CHIQUETO; ARALDI, 2008, p. 4).

O que pode ser lixo para alguns, nós visualizamos como potenciais instrumentos musicais. Outro ponto importante foi nortear aos participantes da oficina, alguns dos pressupostos do ensino de música, pois:

a educação musical escolar não visa à formação do músico profissional. Objetiva, entre outras coisas, auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção da cidadania (HENTSCHKE; DEL BEN, 2003, p. 181).

Por meio de instrumentos tradicionais, como a caixa, pandeiro meia-lua, ganzá, surdo, bumbo e triângulo, executamos células rítmicas ou grupos rítmicos que poderão ser utilizados nas bandas rítmicas. Ampliando o escopo, propomos o desenvolvimento

de instrumentos alternativos nos moldes das “bandas de latas”¹. No decorrer da oficina, apontamos diversos artistas, grupos, entidades, organizações não governamentais (ONG’s), que desenvolveram atividades como o Afro Reggae, Banda de Latas da Associação Curumim, Barbatuques, Hermeto Paschoal, Naná Vasconcelos, Stomp, dentre outros.

Por meio de instrumentos tradicionais e por se tratar de uma oficina heterogênea, trabalhamos com estilos musicais que poderão ser aplicados em músicas folclóricas e/ou tradicionais, além de composições de artistas roraimenses e roraimados².

O trabalho desenvolvido na Oficina, abarcou as formações das fanfarras e as cadências utilizadas no desfile Pátrio, como os da Semana da Pátria, respeitando a formação das corporações militares e agregando instruções inerentes à ordem unida, que foram trabalhadas pelo 2º tenente músico Josemir Pereira do Vale, maestro da BABV.

Em virtude da curta duração da oficina, que ocorreu em apenas 3 (três) dias e o interesse dos discentes em prosseguir com as atividades, ampliamos a temática ao desenvolvimento de instrumentos musicais recicláveis, na disciplina Produção de Material Didático em Educação I e II, ofertada pelo Curso de Música da UFRR, durante o período de 2015 a 2016.

3 | DISCIPLINA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO EM EDUCAÇÃO I E II

A disciplina Produção de Material Didático em Educação I e II (PMDE I e II) foi ofertada durante 2015 e 2016 sem a necessidade de pré-requisitos, fato que contemplou qualquer discente à possibilidade da interdisciplinaridade na UFRR com outros cursos. A ementa da mesma explicita:

Pesquisa e produção de material didático, considerando a sustentabilidade e reciclagem de materiais. Possibilitar outras formas de concepções e práticas músico-pedagógicas na produção de materiais didáticos para o ensino de música. Fundamentos educacionais, éticos e políticos na produção de materiais didáticos. Diversidade e pluralidade cultural na produção de materiais didáticos. Articulação de propostas de composição, execução e apreciação musical. Criatividade e autonomia na formação de educadores musicais. Elaboração de projeto de material didático (PPC, 2015, p. 47).

Foram postados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), diversos vídeos para aguçar a criatividade à confecção de instrumentos com materiais alternativos, além da utilização das referências proposta no curso. Enquanto os discentes selecionavam a

1 Um exemplo às “banda de latas”, “os Cabinhas” são conhecido, no Cariri, como a bandinha de lata da Fundação Casa Grande, ONG cultural com sede em Nova Olinda (CE). Os instrumentos utilizados pelas crianças são confeccionados com materiais reciclados. Produtor musical do grupo e integrante da primeira formação da banda, Aécio Diniz conta que os pequenos músicos têm liberdade para criar instrumentos e produzir seu próprio som (BANCO DO NORDESTE, 2015, p. 1).

2 A expressão “roraimados” remete-se às pessoas que nasceram em outros estados, e posteriormente, estabeleceram domicílio em Roraima (SILVA, 2017, p. 50).

“matéria-prima” para produzir o material pedagógico proposto na disciplina, incluímos no repertório alguns sambas, tendo em vista que em 2016, foi considerado o centenário do Samba³.

No decorrer da disciplina, houve a necessidade de melhorar o visual dos instrumentos e convidamos para agregar conosco, a professora Leila Adriana Baptaglin, do curso de Artes Visuais, que trabalhou de forma interdisciplinar a questão da estética visual. E para a interpretação das obras, convidamos o professor Gustavo Frosi Benetti, do curso de música que propôs realizar as apresentações com os discentes da disciplina Canto, do Curso de Música. Podemos afirmar que os resultados foram excelentes, principalmente após o trabalho coletivo de forma multidisciplinar, que proporcionou interações entre os cursos, atendeu as demandas entre as disciplinas e a efetiva colaboração entre os discentes das três disciplinas envolvidas.



FIGURA 1 – Instrumentos após a parceria com as Artes Visuais.

Fonte: Acervo do Curso de Música (2016).

Os primeiros resultados foram apresentados no “Simpósio: alunos com deficiência e a evasão Universitária”, realizado em junho de 2016 no Auditório Alexandre Borges da UFRR, e no mês de julho no “INTERCOM 2016”⁴, que segundo o organizador do evento, Prof. Dr. Vilso Santi foi “o maior evento de comunicação da região Norte”, conforme publicisado na Folha de Boa Vista (2016).

Um trabalho de confecção de instrumentos com material reciclável pode ter início com o reconhecimento dos sons e suas nuances, depois com o reconhecimento dos instrumentos e a confecção dos mesmos. Os alunos deverão confeccionar os instrumentos sonoros com os materiais arrecadados e escolhidos por eles (CHIQUETO; ARALDI, 2008, p. 49).

Elencamos a seguir, os instrumentos confeccionados pelos discentes e que foram utilizados nas performances. Foram utilizados praticamente os materiais que estavam descartados nas obras de ampliação da UFRR:

3 A canção *Pelo Telefone*, gravada em 1916 pelo compositor Donga, (é o) marco histórico desse gênero musical (JORNAL DO BRASIL, 2016, p. 1).

4 Apresentação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V_-eENyqQEk>.

Trombone confeccionado com canos de PVC e garrafa PET; Flauta de PVC; Pandeiro montado com lata de goiabada e os guizos com tampas de bebidas; Ganzás com a junção de latas de refrigerante e inclusão de pedras e arroz; Claves com madeiras; Agogô a partir de uma lata de chocolate; Surdinho aproveitando uma lata de vedação para paredes; Queixada juntando peças e molas (UFRR, 2016, s/p).



FIGURA 2 – Instrumentos após a parceria com as Artes Visuais.

Fonte: Acervo do Curso de Música (2016).

Criamos diversos instrumentos e, as performances foram além da expectativa docente em desenvolver a oferta da disciplina, surgindo assim o Projeto Sons de Makunaima⁵, que é alusivo ao mito indígena Makunaima e, que foi inspirador da obra literária Macunaíma, lançada em 1928 por Mario de Andrade.

O mito do Makunaima e a formação do Monte Roraima - com cerca de 2 bilhões de anos e na fronteira do Brasil com a Venezuela e a Guiana Francesa. Para os macuxis, Makunaima é filho de uma rara noite de encontro do sol e da lua. Da luz do eclipse, refletida nas águas do grande e misterioso lago, nasce o deus Makunaima (ROCHA, 2007, p. 1).

Procuramos incluir no repertório músicas alusivas aos compositores de Roraima, cujo ajuntamento, eclodiu em um movimento cultural a partir de 1984, o Movimento Roraimeira. No decorrer do projeto, também foram desenvolvidas atividades em consonância com os Projetos de extensão Polo Arte na Escola e o Grupo de Pesquisa Musicologia na Amazônia (MusA), no decorrer de 2016, aproveitando o centenário do samba e os trabalhos que estavam sendo realizados.

5. Para algumas etnias indígenas, Makunaima foi (ou é) “um deus ou um guerreiro, mais próximo da representação humana” (ROCHA, 2007, p. 1). A presença desses elementos na cultura roraimense inspirou os discentes a associar os instrumentos com materiais alternativos, que remete a força da natureza que oferece “*in natura*” materiais para a confecção dos instrumentos, com a inteligência do *homo sapiens*, que manipula a natureza, moldando o meio ambiente, conforme seu bel prazer.



FIGURA 3 – Apresentação no INTERCOM 2016.

Fonte: Acervo do Curso de Música (2016).

Informamos que até o presente momento, meados de 2018, as atividades de ensino e pesquisa continuam acontecendo por meio dos Projetos de extensão Polo Arte na Escola e, o Grupo de Pesquisa Musicologia na Amazônia (MusA). Os trabalhos investigativos são periodicamente atualizados nos *sites* dos respectivos projetos, com previsão para publicações inéditas em 2019.

4 | CONSIDERAÇÕES

As experiências apontadas neste trabalho nos faz acreditar que, é possível desenvolver o ensino musical nas escolas por meio da utilização de rotas alternativas de aprendizagens. Não é nosso objetivo descartar o ensino tradicional, mas oportunizar rotas que ofereçam outras possibilidades à arte e educação. Certas abordagens podem funcionar em determinadas situações e, produzir algum resultado positivo, porém, acreditamos que o educador terá outra visão ao aplicar essa experiência, seja nas escolas da rede básica de ensino, ou em outras circunstâncias.

O exposto da nossa investigação não é explanar que o ensino mediado pelos aparatos seja superior aos métodos tradicionais, mas considera-lo como uma “rota alternativa” ao ensino musical, que poderá despertar os sujeitos à prática do fazer musical.

A utilização de rotas alternativas de aprendizagem pode possibilitar que conteúdos sejam concretizados e vivenciados de modo multifocal. Pela mobilização interrelacionada das Inteligências, obtém-se estratégias de ensino que articulem recursos oferecidos por cada uma delas. Acreditamos que essa estratégia pode demonstrar-se eficaz no ambiente de aprendizagem musical, (...) cujo processo de ensino-aprendizagem evidencia a Inteligência Musical como seu constructo principal. Portanto, as rotas alternativas são estratégias de cunho pedagógico, com vistas a articular, combinar e dinamizar as IM (TARSO; MORAIS, 2011, p. 358).

O educador deverá sempre refletir acerca dos resultados da sua abordagem metodológica e prática, bem como acreditamos, que os pensadores e idealizadores que elaboraram os conceituados métodos ativos, procuraram oferecer alternativas ao ensino tradicional. Com certeza, os tais perceberam que é possível fazer música sem

ser tradicional, e que o ensino musical poderá ser prazeroso, sendo possível “ensinar música musicalmente” concordando com Swanwick (2009). Os resultados só foram positivos com a motivação dos discentes e docentes, e, a forma tradicional de fazer música estava ficando maçante aos envolvidos.

Por outro lado, sabemos que a aquisição de instrumentos musicais tradicionais às escolas da rede básica costuma ser um gargalo, fato que inviabilizou ações anteriores, e que foram apontadas pelos discentes. A maioria deles tiveram experiências anteriores ao surgimento do Curso de Música da UFRR. A proposta da utilização dos materiais alternativos contemplará tanto crianças, jovens e adultos, e demonstrou por meio dessas atividades no curso, que é possível a aplicação de tais rotas de aprendizagem, sem ignorar o modelo tradicional de ensino.

Pensando na sustentabilidade, inclusão social, interdisciplinaridade e o ensino musical nas escolas da rede básica de ensino, expomos aqui uma experiência promissora, que vem ao encontro da lei 11.769/2008, que incluiu a presença do ensino de música nas escolas rede da educação básica.

REFERÊNCIAS

BANCO DO NORDESTE: Banda de lata infantil, Os Cabinha se apresenta no CCBNB- Fortaleza. 04 dez. 2015. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/noticias/-/asset_publisher/x8xtPijhdmFZ/content/banda-de-lata-infantil-os-cabinha-se-apresenta-no-ccbnb-fortaleza/50120?inheritRedirect=false>. Acesso em: 24 abr. 2018.

CERESER, Cristina Mie Ito. A formação inicial de professores de música sob a perspectiva dos licenciados: o espaço escolar. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 11, p. 27-36, set. 2004.

CHIQUETO, Marcia Rosane; ARALDI, Juciane. **Sons Alternativos na Educação Musical Escolar:** Proposta Pedagógica para o Ensino Fundamental e Médio. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008. 60 p.

DEL-BEN, Luciana. Sobre os sentidos do ensino de música na educação básica: uma discussão a partir da Lei n. 11.769/2008. **Música em Perspectiva**, v. 2, n. 1, p. 110-134, 2009.

FOLHA DE BOA VISTA: tudo pronto para o início do Intercom Norte 2016. 04 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/noticia/Tudo-pronto-para-o-inicio-do-Intercom-Norte-2016/17887>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

JORNAL DO BRASIL: UERJ comemora o Centenário do Samba. 02 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2016/03/02/uerj-comemora-o-centenario-do-samba/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: _____. HENTSCHKE, L. DEL BEN, L. (Orgs.). **Ensino de música:** propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Ed. Moderna. 2003. 192 p.

KEBACH, Patricia (org). **Expressão Musical na Educação infantil**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013. 146 p.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. **Musicalização Coletiva de Adultos: O processo de cooperação nas produções musicais em grupo**. 2008. 301 f. Tese (Doutorado em educação) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 117 p.

PENNA, Maura. Conquistando espaços para a música nas escolas: a solução é a obrigatoriedade? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ABEM, 2007. Cd-Rom

ROCHA, Janaina. Documentaristas de Roraima criam associação motivados pelo DOC TV. In: **Agência Brasil: Empresa Brasileira de Comunicação**. 22 abr. 2007. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2007-04-22/documentaristas-de-roraima-criam-associao-motivados-pelo-doc-tv>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SILVA, Marcos Vinicius Ferreira da. **CTG Nova Querência: Contribuições na construção da musicalidade em Boa Vista – RR**. 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado em letras) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2017.

SILVA, Marcos Vinicius Ferreira da; RODRIGUES, Guilherme Gonçalves. **Música e Tecnologia: O Uso da Tecnologia na Educação Musical**. 2011. 55 f. TCC (Graduação em música) - Curso de Música, Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2011.

SOUZA, Jusamara (org). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. 2. Edição. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2012. 287 p.

SOUZA, Jusamara (org). **Música na escola**. Porto Alegre: Tomo Editorial. 2012. 128 p.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo, editora: Moderna, 2003. 128 p.

TARSO, Roger; MORAIS, Daniela Vilela de. **Rotas Alternativas de Aprendizagem: Uma ferramenta para o ensino instrumental**. 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/5932399/Rotas_alternativas_de_aprendizagem_uma_ferramenta_para_o_ensino_instrumental>. Acesso em: 25 abr. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **II Semana Acadêmica do curso de música**. 2015. Boa Vista, 2015. Disponível em: <<https://UFRR.br/sacm/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

_____. **Grupo de pesquisa Musicologia na Amazônia**. Disponível em: <<http://ufr.br/musa/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

_____. **Intercom 2016**. Boa Vista, 2016. Disponível em: <<http://www.intercomnorte.com.br/#!noticias/c1ck7/page/1>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

_____. **Programa Polo Arte na escola**. Disponível em: <<http://ufr.br/poloarte/>>. Acesso em:

25 abr. 2018.

_____. **Programação da II Semana Acadêmica do curso de música.** Disponível em: <<https://UFRR.br/sacm/index.php/programacao>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Música, 2015.** Boa Vista, 2015. Disponível em: <<http://ufr.br/musica>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-15-4

